



**Democracia ou Autoritarismo?
uma análise sobre a opinião política das juventudes brasileira e venezuelana**

**Democracy or Authoritarianism?
An analysis of the political opinion of Brazilian and Venezuelan youths¹**

José Diôgo Lima da Silva²

Resumo: O presente trabalho objetiva-se em observar a opinião da juventude brasileira e venezuelana acerca do regime de governo adotado em seus países. Registra-se que a partir de 2013 ambos os países sofreram intervenções diretas em face de uma onda de protestos marcado pela participação em uma maior escala da juventude de seus países. Ao longo dos anos, percebe-se que o jovem tem mostrado maior interesse em questões relacionadas ao meio político e isso contribui com o seu envolvimento ativo na sociedade. Tal envolvimento estimula a juventude a discutir questões sobre democracia e opinião pública que estão ligadas diretamente à Cultura Política. Deste modo, este trabalho buscou analisar a opinião dos jovens no Brasil e Venezuela sobre democracia e governo autoritário durante o período de 2013 a 2018. Os dados desta análise foram coletados do estudo *Latinobarómetro*, onde foram selecionadas questões a respeito da democracia e o apoio ou não a ela de jovens entre 15 e 25 anos de idade.

Palavras-Chave: Autoritarismo. Cultura Política. Democracia. Juventude. Opinião Pública.

Abstract: The present work aims to observe the opinion of Brazilian and Venezuelan youth regarding the government regime adopted in their countries. It is noted that since 2013, both countries have experienced direct interventions due to a wave of protests marked by increased participation of youth on a larger scale. Over the years, it is evident that the youth has shown greater interest in political issues, which contributes to their active involvement in society. Such involvement stimulates the youth to discuss issues related to democracy and public opinion, which are directly linked to Political Culture. Thus, this work sought to analyze the opinion of young people in Brazil and Venezuela about democracy and authoritarian government during the period from 2013 to 2018. The data for this analysis were collected from the *Latinobarómetro* study, where questions regarding democracy and support or lack thereof were selected from youth between 15 and 25 years of age.

Keywords: Authoritarianism. Political Culture. Democracy. Youth. Public Opinion.

¹ Trabalho submetido em 12 de julho de 2023 e aceito em 19 de dezembro de 2025.

² Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) e em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Direito Público pela Faculdade Legale, Campus São Paulo. Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: josediogolima59@gmail.com.



Introdução

A participação política das juventudes tem apresentado transformações significativas na última década. Estudos recentes, como os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no Brasil e relatórios do Latinobarómetro na América Latina, indicam que, embora o engajamento partidário tradicional possa oscilar, a presença de jovens em coletivos, manifestações de rua e ativismo digital cresceu substancialmente. Tais manifestações são fundamentais para a formação da consciência crítica e para o fortalecimento da democracia, uma vez que permitem ao jovem transitar da condição de espectador à de protagonista social. Esse engajamento torna-se ainda mais urgente diante da instabilidade institucional observada no continente; o debate entre modelos democráticos e tendências autoritárias não é apenas teórico, mas uma resposta direta a um cenário de crises que exige uma juventude politicamente ativa para garantir a manutenção de direitos fundamentais.

Nesse sentido, a comparação entre Brasil e Venezuela justifica-se pela trajetória política divergente e, ao mesmo tempo, emblemática de ambos os países no contexto sul-americano entre 2013 e 2018. Enquanto o Brasil atravessava um período de forte polarização e crises institucionais (como as jornadas de 2013 e o impeachment de 2016), a Venezuela aprofundava uma crise política e humanitária sob um regime em crescente disputa internacional sobre sua natureza democrática. Analisar ambos permite compreender como diferentes crises de governabilidade moldam a percepção dos jovens sobre o valor da democracia versus a tentação de soluções autoritárias.

A partir desse panorama, este artigo busca responder: de que maneira o agravamento do cenário político-econômico no Brasil e na Venezuela impactou a adesão das juventudes (15 a 25 anos) aos ideais democráticos entre 2013 e 2018? Trabalha-se com a hipótese de que, em contextos de crise aguda, a proximidade da juventude com a política não resulta necessariamente em maior apoio à democracia, mas pode gerar desilusão ou abertura a alternativas autoritárias como solução rápida aos conflitos sociais.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo comparativo de abordagem quantitativa. Foram utilizados dados secundários provenientes do banco de dados do Latinobarómetro, selecionando-se os indicadores de "apoio à democracia", "apoio ao



autoritarismo" e "indiferença ao regime". O recorte temporal (2013-2018) foi delimitado por representar o ciclo de maior transformação nas opiniões públicas locais antes das mudanças de ciclo eleitoral mais recentes.

1. Latinobarómetro

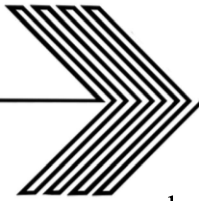
A *Corporación Latinobarómetro* é uma organização sem ligação com o governo e sem fins lucrativos. Tendo sua sede em Santiago do Chile, é feito anualmente um estudo que recebe o nome de *Latinobarómetro*; tal estudo é feito a respeito de opinião pública e envolve cerca de 20 mil entrevistas em 18 países da América Latina, o que representa mais de 600 milhões de habitantes.

O estudo Latinobarómetro é responsável pelas pesquisas a respeito do desenvolvimento da democracia, economia e sociedade. Tais estudos são feitos tendo por base indicadores de opinião, atitudes, comportamento e valores e os resultados são usados por atores políticos e sociais, organizações internacionais, governos e também pela imprensa (Latinobarómetro, 2018).

Antes do desenvolvimento desta organização, “estudos dessa natureza eram, até recentemente, bastante escassos e limitados; seus bancos incluem importantes dados empíricos para o estudo e análise da cultura política da região” (Moisés; Carneiro, 2008). A pesquisa, então, realizada pela corporação vem se desenvolvendo com o tempo e entre os países latino-americanos:

Em 1995, o *Latinobarómetro* realizou trabalho de campo para a primeira onda de pesquisas na América Latina que incluiu 8 países: Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. A partir de 1996, o estudo era realizado em 17 países, sendo a República Dominicana incorporada em 2004, completando assim os 18 países latino-americanos, com exceção de Cuba (Latinobarómetro, 2018, tradução nossa).

A *Corporación Latinobarómetro* é a única organização responsável pelos dados coletados e os resultados nos estudos feitos sobre opinião pública na América Latina. Pode-se afirmar que, devido a este fato, algumas características do Latinobarómetro não são tão



abrangentes. Por exemplo, a maioria dos dados se concentra em pesquisas feitas na área urbana, descartando as regiões rurais, entre outros aspectos. Entretanto, mesmo sendo a única fonte responsável por tais dados, o Latinobarómetro supre as necessidades no que diz respeito ao desenvolvimento de outros estudos ligados a diversas áreas da sociedade.

2. Cultura Política e Opinião Pública

O termo Cultura Política não se restringe somente às ações executadas por atores do meio político, mas se estende até o indivíduo civil e como sua visão de mundo é moldada a partir do meio em que está inserido. Moisés (2008, p. 16) argumenta que Cultura Política refere-se a uma variedade de atitudes, crenças e valores políticos que afetam o envolvimento das pessoas com a vida pública. Para Pye, cientista político norte-americano, Cultura Política pode ser definida como “o composto de valores básicos, sentimentos e conhecimento que embasam o processo político” (Winkler, 2020, tradução nossa).

A Cultura Política é um atributo da coletividade, manifestando-se em diferentes escalas geográficas e sociais. Segundo Borba (2005, p. 151), o estudo dessa dimensão visa explicar o comportamento político individual ao demonstrar como "os valores culturais são componentes endógenos da tomada de decisão", integrando as crenças do grupo ao processo de escolha política.

Um dos aspectos que está ligado à Cultura Política é a Opinião Pública que, numa abordagem sociológica, é considerada um instrumento que naturaliza e promove o controle social. Outras abordagens a definem como mero formalismo para se referir a resultados de estudos de opinião. Em geral, sob a ótica da Ciência Política, a opinião pública é definida do ponto de vista institucional e é um conceito abstrato que permite avaliar a qualidade das democracias e a influência dos cidadãos na tomada de decisões políticas (Escribano, 2017). Ao mencionar a opinião pública, é importante salientar o uso da mídia como transmissor de ideologias políticas. Com o avanço tecnológico, os meios de comunicação têm ganhado uma proporção que não se imaginaria há algumas décadas. Isso significa que o alcance das pessoas à informação é, atualmente, mais simples e natural.

Com isso, a propagação a respeito da Cultura Política pode ser mais eficaz. Porém, a



inserção de novos meios de comunicação exige novos tipos de políticos que saibam como utilizá-los. Miguel (2002, p. 158) afirma que “ao mesmo tempo, os meios de comunicação de massa ampliam o acesso aos agentes políticos e a seus discursos, que ficam expostos, de forma mais permanente, aos olhos do grande público” e tal fato só se concretiza por consequência da mídia na política.

3. Participação do Jovem na Política em Relação à Democracia

Nesta seção, pretende-se traçar um paralelo nos dados coletados do Latinobarómetro referentes à juventude entre 15 e 25 anos. Para fundamentar essa análise, é necessário compreender que a visão desses sujeitos compõe o que se define como Opinião Pública. Sob a ótica de Habermas (2014), a opinião pública não deve ser reduzida à mera recepção de informações, mas compreendida como o resultado de um processo de deliberação em uma "esfera pública", em que o uso crítico da razão permite aos cidadãos validar ou questionar as estruturas de poder. Assim, os dados de opinião aqui apresentados refletem o engajamento desses jovens nesse espaço de debate.

É importante ressaltar que a participação política da juventude não se limita ao campo institucional, como o voto ou a filiação partidária. Ela abrange desde o engajamento cognitivo (o ato de informar-se e debater política) até a participação não institucional, manifestada em coletivos e movimentos de rua. De acordo com o Latinobarómetro (2018), observa-se historicamente que homens tendem a apoiar a democracia em índices ligeiramente superiores às mulheres e que, à medida que a idade aumenta, esse apoio tende a se consolidar.

A juventude tem desempenhado um papel significativo na busca por sociedades mais igualitárias, utilizando-se de canais extraparlamentares de participação. Cita-se, como exemplo, o ciclo de mobilizações denominado "epidemia de protestos", ocorrido entre 2010 e 2014, que atingiu países árabes, Rússia, Turquia, além de Brasil e Venezuela.

No Brasil, as manifestações de 2013 mobilizaram cerca de três milhões de pessoas, sendo sua maioria composta por jovens. Esse fenômeno evidencia que a participação política juvenil está em transição. Como afirmam Moraes, Baquero e Müller (2017), trata-se de um fenômeno global que sinaliza futuras mudanças nas formas de participação, embora sua direção



exata ainda esteja em disputa. Essa nova dinâmica de ocupação do espaço público é essencial para entender as oscilações no apoio aos regimes democráticos ou autoritários nos países analisados.

4. Percepções das Juventudes sobre a Democracia no Brasil e na Venezuela (2013-2018)

Com base em dados secundários do Latinobarómetro, faz-se aqui uma análise comparativa do comportamento dos jovens (15 a 25 anos) do Brasil e da Venezuela entre 2013 e 2018. A escolha desses dois países justifica-se pelos contextos críticos que ambos atravessaram no período. No Brasil, o marco inicial são as manifestações de 2013, que deram voz a uma insatisfação social profunda, seguidas pela crise política que culminou no impeachment de 2016. Já na Venezuela, o ano de 2013 representou a transição após a morte de Hugo Chávez e o início de um período de forte recessão econômica e intensa polarização política sob o governo de Nicolás Maduro.

Essa comparação é relevante porque, como aponta Bobbio (2000), a democracia depende de uma cultura política onde os cidadãos aceitem as "regras do jogo". Quando o cenário econômico e social se degrada, como visto nesses dois países, a confiança nas instituições é testada, o que pode levar a juventude a questionar se a democracia ainda é a melhor solução ou se caminhos autoritários parecem mais eficazes. Para esta análise, foram utilizadas três categorias do Latinobarómetro que medem esse grau de adesão: 1) A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo; 2) Em algumas circunstâncias, um governo autoritário pode ser preferível; 3) Indiferença: não se importar com o regime democrático ou não democrático. Os dados a seguir detalham essas percepções, subdivididos por país e organizados por ano e faixa etária.

4.1 Brasil

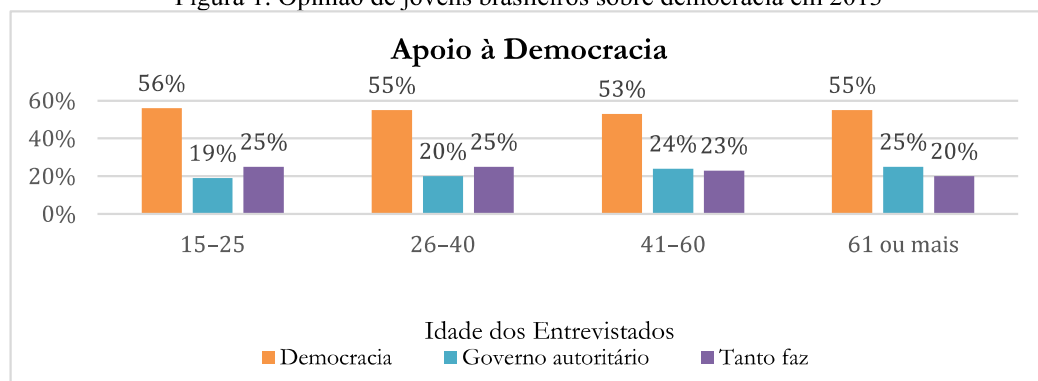
O Brasil, organizado sob a Constituição de 1988, atravessou um período de profunda instabilidade política no recorte desta análise. O intervalo investigado (2013-2018) compreende o segundo mandato de Dilma Rousseff, interrompido pelo processo de impeachment em 2016, e o governo de Michel Temer. O impeachment de 2016 é um marco central nesta discussão,



pois catalisou debates sobre a resiliência das instituições democráticas e evidenciou uma forte polarização na sociedade, levantando questionamentos sobre a legitimidade do sistema político entre os jovens. Embora o mandato de Jair Bolsonaro tenha se iniciado logo após esse período, os dados aqui analisados limitam-se ao final de 2018, capturando o sentimento da juventude que antecedeu essa mudança de ciclo governamental.

Quanto aos procedimentos, foram utilizados dados secundários produzidos pelo Latinobarómetro. As amostras anuais da referida instituição para a faixa etária de 15 a 25 anos no Brasil foram compostas por: 247 jovens em 2013; 252 em 2015; 233 em 2016; 230 em 2017 e 227 em 2018. No ano de 2014 não houve nenhum registro no sistema e o ano de 2018 recebeu o acréscimo de um a variável a ser explanada mais adiante.

Figura 1. Opinião de jovens brasileiros sobre democracia em 2013



Fonte: Latinobarómetro

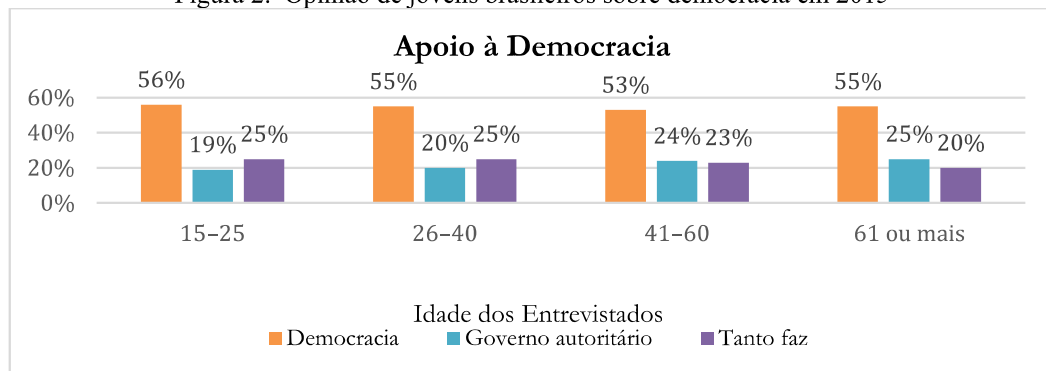
A Figura 1 revela que, em 2013, a maioria dos jovens brasileiros (56%) manifestava preferência pelo regime democrático. No entanto, é sintomático que quase metade da amostra se dividisse entre o apoio ao autoritarismo (19%) e a indiferença (25%). Esse cenário de fragmentação coincide com o desgaste da confiança institucional, alimentado por escândalos de corrupção e pela exposição de episódios de espionagem internacional envolvendo o governo federal e a Petrobras (BERDU, 2016).

As manifestações de junho de 2013, protagonizadas massivamente por essa faixa etária, representam um paradoxo central para esta análise: ao mesmo tempo em que os jovens ocuparam o espaço público para exigir direitos, um exercício de cidadania democrática, a insatisfação com a eficiência do sistema político abriu caminho para uma polarização



acentuada. Pode-se interpretar que o elevado engajamento juvenil nas ruas não se traduziu necessariamente em uma adesão sólida às instituições representativas, mas sim em um desejo de mudança que, nos anos seguintes, culminaria no processo de impeachment de 2016. Portanto, o apoio de 56% à democracia em 2013 deve ser lido com cautela; ele sinalizava uma juventude politicamente desperta, mas profundamente crítica, cuja frustração com a política tradicional serviu de base para os questionamentos sobre a legitimidade do regime que marcariam a história brasileira recente.

Figura 2. Opinião de jovens brasileiros sobre democracia em 2015



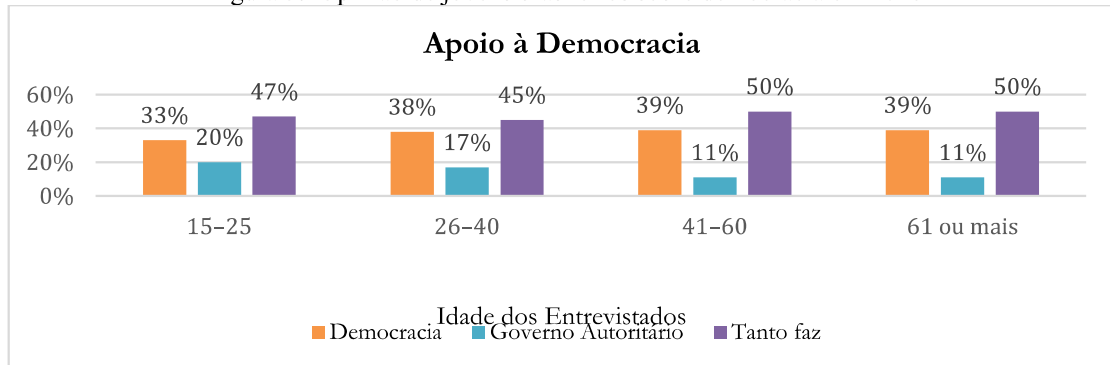
Fonte: Latinobarômetro

A Figura 2 demonstra que, em 2015, houve um crescimento notável na adesão democrática entre os jovens brasileiros, atingindo 61%, o maior índice do período analisado. Esse aumento ocorre paradoxalmente em um ano de forte instabilidade econômica e política, marcado pelo início do segundo mandato de Dilma Rousseff, ajustes fiscais severos e o acolhimento do pedido de impeachment.

A relação entre o cenário de crise e o aumento no apoio à democracia pode ser reflexo da intensa mobilização social. O surgimento de protestos antagônicos (pró e contra o governo) sinaliza que a juventude não estava apática; ao contrário, o conflito político parece ter reforçado a percepção da democracia como o espaço necessário para a disputa de projetos de país. Assim, a crise não gerou indiferença, mas uma reatividade política: o jovem passa a valorizar mais o regime democrático justamente quando as "regras do jogo" estão sob pressão. Portanto, os 61% refletem uma juventude que, diante da iminência de rupturas institucionais, reafirmou a preferência pela democracia como via legítima de resolução de conflitos.



Figura 3. Opinião de jovens brasileiros sobre democracia em 2016



Fonte: Latinobarómetro

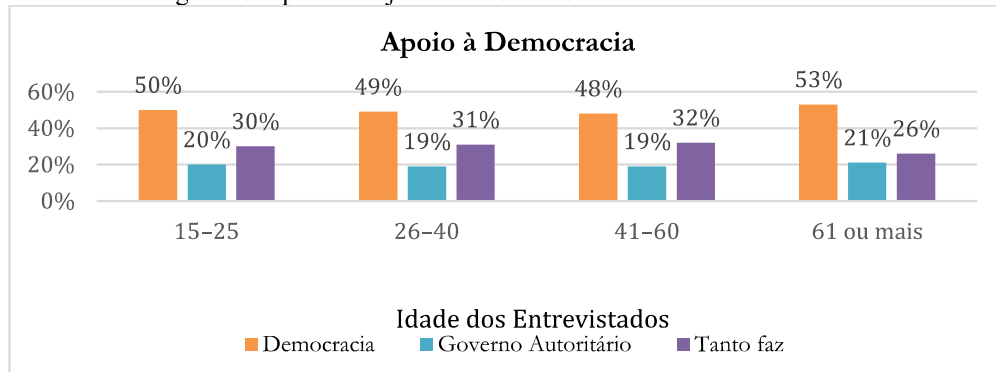
A Figura 3 revela uma mudança drástica e preocupante no perfil democrático da juventude brasileira. Em 2016, o apoio à democracia sofreu uma queda acentuada, recuando para 33%, enquanto o índice dos que declaram não se importar com o regime saltou para 47%. Este é o ano da consumação do impeachment de Dilma Rousseff e da ascensão de Michel Temer, período acompanhado por desdobramentos ostensivos da Operação Lava-Jato, que tornaram réus figuras centrais da política nacional, como o ex-presidente Lula.

O que esses dados revelam, para além da estatística, é um sintoma de exaustão democrática. A instabilidade política e a sucessão de escândalos de corrupção atuaram como elementos de desvalorização da gestão pública, levando a juventude a um estado de "cinismo político" ou indiferença. Conforme aponta Escribano (2017), a opinião pública permite avaliar a qualidade das democracias; nesse sentido, a percepção de que as instituições estavam falhando em prover estabilidade e ética resultou em um desligamento cívico.

Portanto, o fato de quase metade dos jovens (47%) manifestar indiferença ao tipo de regime não significa falta de informação, mas uma resposta à crise de representatividade. O cenário de 2016 sugere que, para uma parcela significativa da juventude, a disputa institucional entre "favor" e "contra" o impeachment desgastou a própria imagem da democracia, fazendo com que o regime perdesse sua distinção de valor frente a outras formas de governo.



Figura 4. Opinião de jovens brasileiros sobre democracia em 2017



Fonte: Latinobarómetro

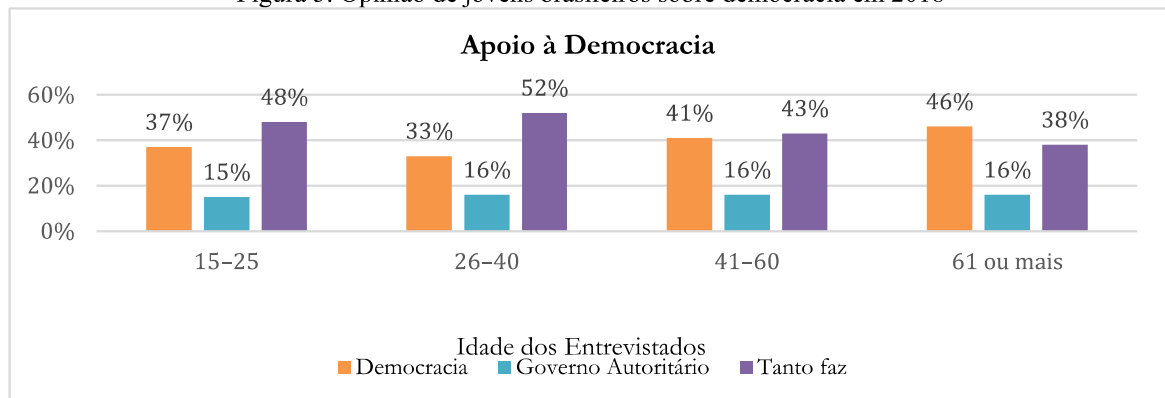
A Figura 4 demonstra uma recuperação significativa na adesão ao regime democrático entre os jovens, subindo para 50%, enquanto a indiferença recuou para 30%. Esse movimento é curioso, pois 2017 foi um ano de grave crise ética, marcado por episódios como o escândalo da gravação entre o presidente Michel Temer e o empresário Joesley Batista, além da condenação do ex-presidente Lula em primeira instância.

Diferente do ano anterior, onde a instabilidade gerou indiferença e apatia, em 2017 o cenário parece ter provocado uma reativação política. As manobras do governo federal para se manter no poder e o avanço das decisões judiciais contra lideranças políticas de diferentes espectros (como a absolvição da chapa Dilma-Temer no TSE) forçaram a juventude a sair do estado de "desilusão" para um estado de vigilância.

Portanto, a subida para 50% de apoio à democracia sugere que, diante da proximidade do ciclo eleitoral de 2018 e do agravamento das tensões jurídicas, o jovem voltou a perceber a democracia como a única ferramenta viável para a mudança ou para a defesa de seus ideais. O cenário de escândalos, em vez de afastar, parece ter "politizado pelo conflito", reduzindo a indiferença (de 47% para 30%) em favor de uma posição mais definida sobre o valor do regime. Os acontecimentos políticos explicam, de alguma maneira, a preferência por algum tipo de governo? Nesse sentido, observa-se o quadro a seguir:



Figura 5. Opinião de jovens brasileiros sobre democracia em 2018



Fonte: Latinobarómetro

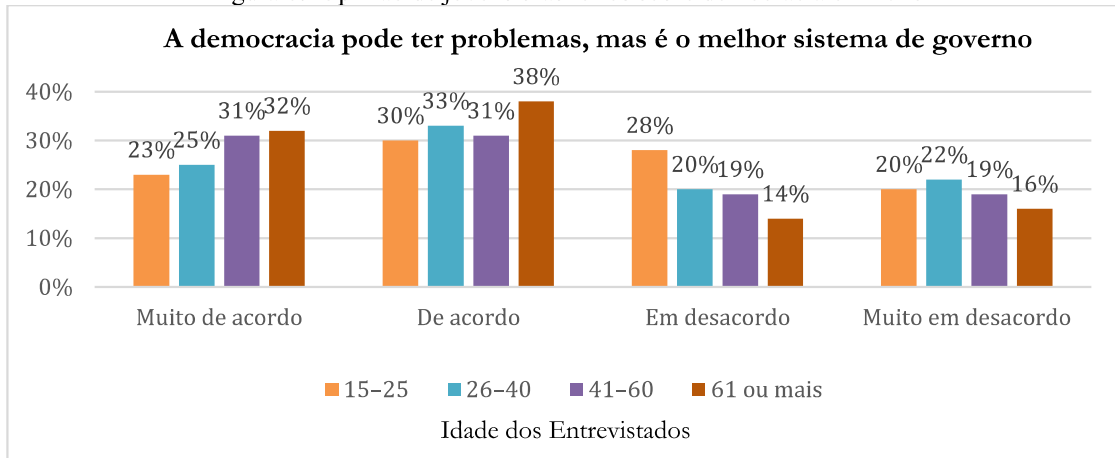
A Figura 5 revela um novo e abrupto declínio no apoio à democracia entre os jovens brasileiros, que recuou para 37%, enquanto a indiferença atingiu seu ápice no período analisado, chegando a 48%. Esse movimento é particularmente relevante por ocorrer em 2018, ano de uma das eleições presidenciais mais polarizadas da história recente do país, marcada pela ascensão de discursos críticos às instituições tradicionais e pelo forte sentimento antipolítica.

A relação entre os dados e o cenário político sugere que a "politização pelo conflito" observada em 2017 deu lugar a um fenômeno de alienação ou fadiga democrática. A prisão do ex-presidente Lula, o atentado contra o então candidato Jair Bolsonaro e a proliferação de notícias falsas (fake news) criaram um ambiente de instabilidade que, para quase metade da juventude (48%), deslegitimou a importância do regime.

A inclusão da nova variável no Latinobarómetro (se "a democracia pode ter problemas, mas é o melhor sistema") corrobora essa interpretação. Embora o jovem possa reconhecer teoricamente o valor do sistema, a prática política brasileira de 2018 gerou tamanha desilusão que a escolha por "não se importar" tornou-se uma resposta majoritária. Portanto, os dados de 2018 não indicam apenas apatia, mas uma crise de confiança profunda nas 'promessas da democracia', que não pareciam mais capazes de resolver as crises econômicas e éticas vivenciadas pela juventude até aquele momento.



Figura 6. Opinião de jovens brasileiros sobre democracia em 2018



Fonte: Latinobarômetro

Conforme apresentado na figura 6, no ano de 2018, entre os jovens brasileiros de 15 a 25 anos, 23% concordavam muito que a democracia é o melhor governo, 30% concordavam, 28% dos jovens discordavam e 20% discordavam muito. Esse ano marcou a vitória de Jair Bolsonaro para o mandato de 2019-2022. A vitória improvável de um presidente declaradamente de direita pode ter afetado o pensamento dos jovens acerca da democracia.

Quadro 1. Comparativo de entrevistas de brasileiros entre 15 e 25 ano entre 2013 e 2018

CATEGORIA	2013	2015	2016	2017	2018
A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo.	56%	61%	33%	50%	37%
Em algumas circunstâncias, um governo pode ser autoritário.	19%	18%	20%	20%	15%
Para as pessoas como um todo, não nos importamos com um regime democrático ou não democrático.	25%	21%	47%	30%	48%

Elaborado pelo autor a partir dos dados do Latinobarômetro.

No quadro apresentado acima, destacam-se as três categorias utilizadas nesta investigação a fim de fazer uma análise por comparação. Observa-se que, embora haja um aumento de 5% nos dois primeiros anos analisados na Venezuela, há uma queda de 19% entre 2013 e 2018 para os jovens que preferem a democracia como tipo de governo, apenas quem prefere um governo autoritário segue um padrão que não varia mais de 5% nos anos analisados. Por outro lado, os que preferem uma democracia ou tanto faz possuem variação principalmente nos anos de 2016 e 2018.

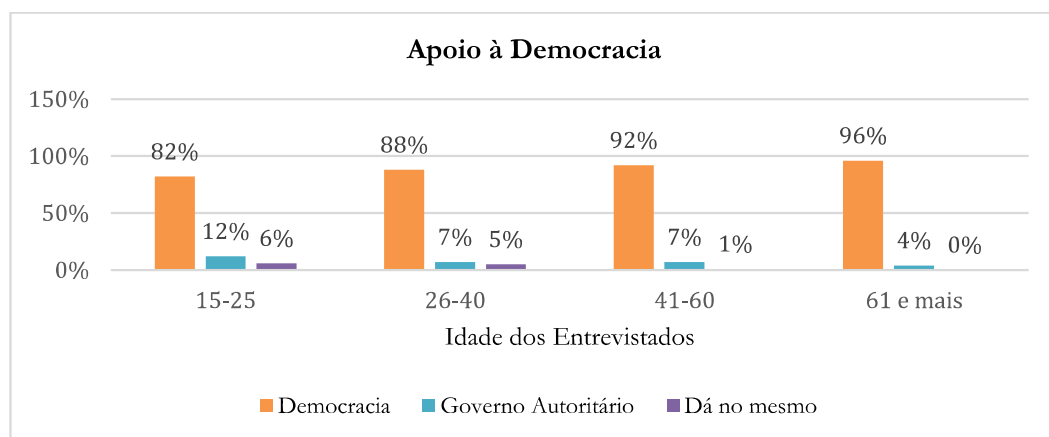


5.2 Venezuela

A Venezuela, regida pela Constituição de 1999, viveu no período trabalhado uma das transições políticas mais complexas de sua história recente. O marco inicial é a morte de Hugo Chávez em março de 2013, que encerrou um ciclo de 11 anos de governo e deu início à gestão de Nicolás Maduro. Esse período foi caracterizado pelo acirramento de tensões internas e pelo isolamento internacional, agravado pela fragilização das relações diplomáticas com os Estados Unidos, que resultou em sanções econômicas severas. Tal cenário é fundamental para entender os dados a seguir, pois a crise econômica e o questionamento sobre o caráter democrático do regime impactam diretamente a percepção da juventude sobre a eficácia do sistema político.

Conforme apresentado anteriormente, foram utilizados dados secundários do Latinobarómetro. As amostras anuais para a juventude venezuelana (15 a 25 anos) compreenderam: 238 jovens em 2013; 244 em 2015; 234 em 2016 e 215 em 2017. Ressalta-se que, devido a limitações no sistema de coleta da referida instituição no país, não foram disponibilizados registros para os anos de 2014 e 2018, o que delimita a análise ao intervalo de cinco anos aqui exposto.

Figura 7. Opinião de jovens venezuelanos sobre democracia em 2013



Fonte: Latinobarómetro

A Figura 7 revela um índice de adesão democrática extremamente elevado entre os jovens venezuelanos em 2013: 82% de preferência pelo regime, com apenas 6% de indiferença. Este número, o mais alto de toda a série comparativa deste artigo, é um reflexo direto da

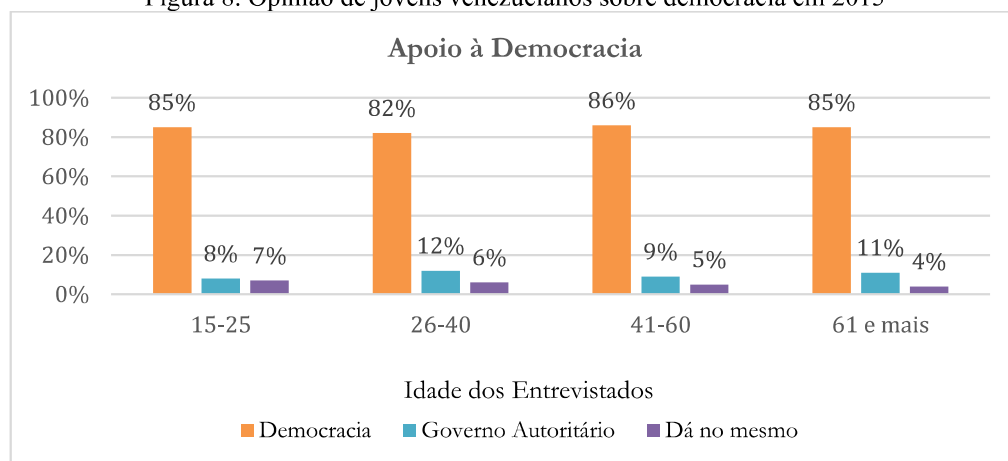


convulsão política causada pela morte de Hugo Chávez e a ascensão de Nicolás Maduro.

A relação entre o cenário e o dado estatístico evidencia que, em momentos de ruptura e incerteza, a juventude venezuelana reagiu reafirmando o valor da democracia. Conforme aponta Pedroso (2020), a crise que se instalou é multidimensional, mas seu componente político foi o que mais tensionou a opinião pública naquele ano. A vitória apertada de Maduro sobre Henrique Capriles e as denúncias de irregularidades no processo eleitoral geraram uma percepção de ameaça às instituições.

Nesse contexto, os 82% de apoio indicam que o jovem não via a democracia apenas como um conceito abstrato, mas como uma salvaguarda contra o avanço do autoritarismo. Esse autoritarismo manifestava-se na concentração de poderes no Executivo e no uso do aparato estatal para restringir a oposição. Portanto, o alto apoio à democracia em 2013 funciona como um indicador de resistência: diante de uma inflação de 56,2% e da disputa pelo poder, a juventude venezuelana sinalizou que a solução deveria ocorrer estritamente dentro das regras democráticas, antecipando os conflitos e o ceticismo que marcariam os anos posteriores.

Figura 8. Opinião de jovens venezuelanos sobre democracia em 2015



Fonte: Latinobarómetro

Em 2015, a realidade venezuelana foi impactada por um choque externo que alterou profundamente a relação entre a juventude e o Estado: a queda drástica do preço do barril de petróleo, que recuou de US\$ 111,87 para US\$ 48,07. Essa dependência econômica do petróleo revela a fragilidade do modelo democrático-populista do país; sem a receita das exportações, o

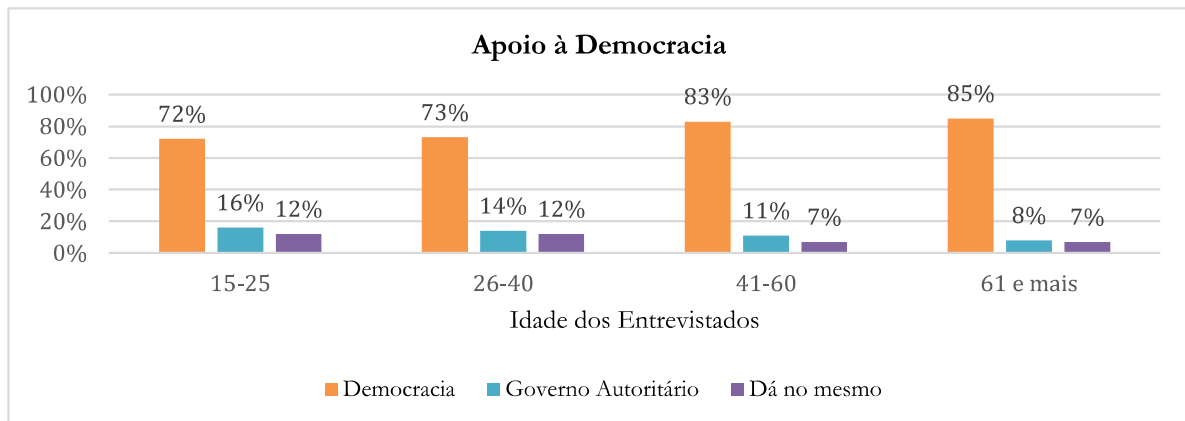


governo de Nicolás Maduro perdeu a capacidade de financiar políticas públicas e garantir o abastecimento básico.

O dado da OEA (2017) que aponta uma inflação de 180,9% e a escassez de alimentos para 80% da população não deve ser lido apenas como uma estatística econômica, mas como o motor de uma crise de desconfiança política. Quando o impacto atinge grupos vulneráveis e compromete a segurança alimentar, a juventude, que anteriormente apoiava a democracia como um ideal de resistência, passa a questionar a eficácia do regime em prover o básico.

Para tanto, a análise dos dados de 2015 sugere que a deterioração das condições materiais de vida começou a corroer o entusiasmo democrático observado em 2013. A crise multidimensional, ao acentuar as desigualdades e a exclusão social, força o jovem a um dilema: a manutenção do apoio ao sistema vigente ou a busca por alternativas, muitas vezes autoritárias ou de indiferença, como forma de sobrevivência diante de um Estado que se mostra incapaz de gerir a economia.

Figura 9. Opinião de jovens venezuelanos sobre democracia em 2016



Fonte: Latinobarómetro

Os dados da Figura 9 confirmam uma erosão gradual, porém evidente, na adesão democrática da juventude venezuelana, que recuou para 72%. Em contrapartida, observa-se o crescimento tanto do apoio ao autoritarismo (16%) quanto da indiferença (12%). Essa queda de 10 pontos percentuais em relação a 2013 reflete o impacto de um governo que passou a adotar medidas de exceção para conter a crise de abastecimento.

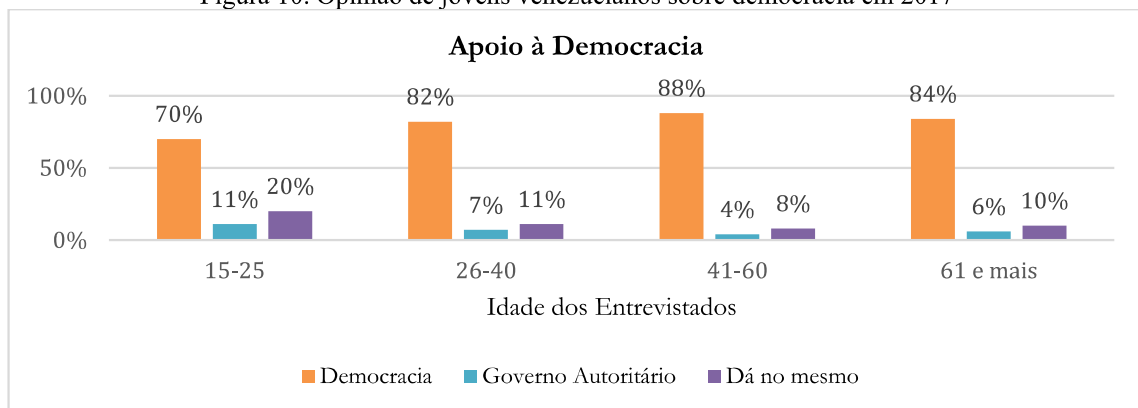
A decisão de Nicolás Maduro de transferir o controle da produção e distribuição de



alimentos para o Exército é o fato central para entender esse movimento. Conforme apontam Corazza e Mesquita (2018), a militarização de setores vitais da economia, somada às denúncias de corrupção nesse processo, sinalizou para a juventude que o regime estava se afastando das práticas democráticas convencionais.

O significado dessa queda reside na percepção de isolamento e ruptura. A suspensão da Venezuela do Mercosul por "ruptura da ordem democrática" serviu como uma validação externa da crise institucional interna. Para o jovem venezuelano, o ano de 2016 representou o momento em que a democracia deixou de ser uma promessa de estabilidade e passou a ser um sistema em xeque, tanto pela incapacidade de prover alimentos quanto pelo avanço do controle militar sobre a vida civil. Portanto, a queda para 72% não indica um abandono do ideal democrático, mas o início de um ceticismo provocado pela percepção de que as instituições estavam sendo substituídas por uma estrutura de mando autoritário e militarizado.

Figura 10. Opinião de jovens venezuelanos sobre democracia em 2017



Fonte: Latinobarómetro.

A Figura 10 consolida a tendência de declínio na adesão democrática, que atingiu 70% em 2017. O dado mais alarmante, contudo, é o salto na indiferença, que chegou a 20% — quase o quádruplo do registrado no início da série (6% em 2013). Esse movimento estatístico é indissociável do cenário de violência e ruptura institucional que tomou o país naquele ano.

A convocação da Assembleia Constituinte por Nicolás Maduro foi o estopim de uma crise de legitimidade sem precedentes. Para a juventude, essa medida não representou uma "renovação do Estado", mas sim a anulação do poder legislativo eleito e o atropelo das normas



democráticas vigentes. A resposta nas ruas foi uma onda de protestos que resultou em 120 mortes e milhares de feridos. A influência desse cenário na opinião das juventudes é profunda: a violência estatal e a percepção de que as vias democráticas de protesto resultavam em tragédia e impunidade geraram um fenômeno de "anomia política" ou indiferença.

Portanto, o aumento da indiferença para 20% reflete uma parcela da juventude que, exausta pelo conflito e pela repressão, deixou de acreditar na eficácia do regime democrático para resolver a crise humanitária e política. O fato de Maduro ter sido reeleito no ano seguinte (2018) em um processo amplamente contestado apenas ratifica o sentimento de que as instituições haviam sido capturadas, empurrando o jovem venezuelano para o ceticismo ou para o desejo de emigração, distanciando-o do engajamento democrático participativo.

Quadro 2. Comparativo de entrevistas de brasileiros entre 15 e 25 anos entre 2013 e 2017

CATEGORIA	2013	2015	2016	2017
A democracia é preferível a qualquer outro tipo de governo.	82%	85%	72%	70%
Em algumas circunstâncias, um governo pode ser autoritário.	12%	8%	16%	11%
Para as pessoas como um todo, não nos importamos com um regime democrático ou não democrático.	6%	7%	12%	20%

Elaborado pelo autor a partir dos dados do Latinobarómetro

No quadro acima, apresentam-se três categorias que foram utilizadas como base da investigação. Observa-se um aumento médio percentual no item que aponta que os jovens não se importam se o regime é democrático ou não. O valor inicial era de 6% em 2013, subindo para 20% em 2017. Já a preferência para um regime democrático sofreu uma diferença de 12% entre 2013 e 2017.

Considerações finais

Com base nas observações feitas a partir das informações coletadas do estudo *Latinobarómetro*, afirma-se que os acontecimentos podem gerar consequências diretas na forma de pensar sobre o regime político aceitável visto como preferível. No que tange ao cenário brasileiro, observa-se que, a partir de 2013, houve uma intensificação das tensões na relação entre juventude e política. Diferente de uma ascensão linear de engajamento



democrático, o que ocorreu foi uma politização pelo conflito. O surgimento de movimentos como o "Vem Pra Rua" e as frentes de mobilização horizontal levaram milhões de jovens às ruas, mas esse fenômeno não resultou em um apoio estável às instituições.

Como os dados do Latinobarómetro demonstraram, esse "despertar" das ruas foi acompanhado por uma profunda volatilidade. Se, por um lado, as manifestações indicaram uma juventude mais atenta, por outro, a incapacidade do sistema político em responder às demandas gerou, nos anos seguintes (especialmente em 2016 e 2018), recordes de indiferença e cinismo político. Portanto, em vez de uma simples ascensão, o Brasil experimentou uma crise de representatividade na qual o jovem passou a ocupar a esfera pública não para reforçar a democracia tradicional, mas para questionar sua eficácia e legitimidade. Em relação ao Brasil, registra-se aqui que desde 2013 houve uma grande ascensão em face da relação entre os jovens e a política. Muitos desses acontecimentos podem estar vinculados ao chamamento para reivindicações nas ruas como o movimento *Vem para a rua* que levou milhares de pessoas para manifestações públicas em prol da política. Na Venezuela, o cenário acentua-se como grave, uma vez que a crise que assolou o país atingiu diversas áreas, desde a econômica, social e a política. Mortes foram registradas, diversos nativos deixaram o país que gerou um colapso econômico e a maior crise de sua história.

É importante ressaltar que dois acontecimentos no Brasil tiveram impactos maiores, o *impeachment* e o fenômeno do *bolsonarismo*. Na Venezuela, destaca-se a crise econômica e política que estende-se até os dias atuais. Os anos em que aconteceram tais processos políticos resultam em dados de enfraquecimento da democracia ou aumento de um tanto faz ao regime político aplicado. Aponta-se a necessidade da Cultura Política em diversos aspectos na construção de um sistema democrático e afirma-se que a ausência da mesma inibe os indivíduos a acreditarem que a democracia é algo inalcançável.

De um modo geral, a Cultura Política pertence ao ser humano, sendo parte contribuinte na formação de um conjunto. Estudos a respeito do tema ainda são feitos e conhecer e saber do que se trata Cultura Política tem, ao longo do tempo, se mostrado fundamental no processo de democratização.



Referências

- BERDU, Guilherme Paul. A política externa brasileira frente à espionagem dos EUA. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, n. 25, p. 3-30, set./out. 2016.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Tradução Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Opinião Pública**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 147-168, mar. 2005.
- CORAZZA, Felipe; MESQUITA, Lígia. Crise na Venezuela: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-45914488. Acesso em: 21 jun. 2022.
- ESCRIBANO, Juan José García. **Opinión pública**. [S. l.]: Wikialice, 2017. Disponível em: http://alicecomunicacionpolitica.com/wikialice/index.php/Opini%C3%B3n_p%C3%BAblica. Acesso em: 18 jun. 2022.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, São Paulo, n. 55-56, p. 155-184, 2002.
- MOISÉS, José Álvaro. Cultura Política, Instituições e Democracia: lições da experiência brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, fev. 2008.
- MOISÉS, José Álvaro; CARNEIRO, Gabriela Piquet. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 1-42, 2008.
- MORAIS, Jennifer Azambuja de *et al.* Meios de Comunicação, Cultura Política no Brasil e Juventude. *In*: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIÊNCIA POLÍTICA (ALACIP), 9., 2017, Montevidéo. **Anais [...]**. Montevidéo: ALACIP, 2017.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Institucionalidad democrática, estado de derecho y derechos humanos en Venezuela**: informe de país. Caracas: Comisión Interamericana de Derechos Humanos, 2017. Disponível em: www.oas.org/es/cidh/informes/pdfs/Venezuela2018-es.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.
- PEDROSO, Carolina Silva. Petróleo e Poder: a crise venezuelana e seus elementos históricos. **Revista Textos e Debates**, Boa Vista, n. 34, p. 9-22, jan./jun. 2020.
- WINKLER, Jürgen R. Political culture. *In*: **Encyclopedia Britannica**. [S. l.], 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/political-culture>. Acesso em: 18 out. 2021.
- ZAMORA, Marinela Córdoba. **Cultura Política**. [S. l.]: Wikialice, 2017. Disponível em: http://alicecomunicacionpolitica.com/wikialice/index.php/Cultura_pol%C3%ADtica. Acesso em: 18 jun. 2022.